



GT 05. Antropologia da Biomedicina

Coordenador(es):

Jaqueline Teresinha Ferreira (Instituto de Estudos em Saúde coletiva)

Ednalva Maciel Neves (PPGA/UFPB)

Sessão 1 - Biosaberes e biopolíticas

Debatedor/a: Débora Allebrandt (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Sessão 2 - Adoecimentos, sistemas e cuidados em saúde

Debatedor/a: Cíntia Liara Engel (UnB)

Sessão 3 - Narrativas de parto, violência obstétrica e outras afetações

Debatedor/a: Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Este Grupo de Trabalho dá continuidade ao diálogo iniciado na III Reunião de Antropologia da Saúde, realizada em Natal/2019, desvelando uma experiência rica de pesquisadores brasileiros que apresentaram etnografias com temas instigantes calcadas em técnicas de pesquisa já consagradas e /ou inusitadas e questões reflexivas de pesquisa. Assim, a proposta é ampliar e aprofundar essa discussão a partir de trabalhos etnográficos sobre a medicina ocidental, a biomedicina, como campo de investigação, envolvendo a produção de conhecimento e tecnologias biomédicas, assim como seus efeitos na experiência coletiva e pessoal. Desta forma, o enfoque é sobre a complexa trama contemporânea do bio: mercados, tecnológicas, interpretações, apropriação de saberes e práticas, direitos e ativismos. Dentre as reflexões, pensamos em dialogar acerca: construção do saber profissional sobre o corpo, definições sobre saúde e doença, questões éticas relacionadas às biotecnologias, cuidado humanizado, comportamentos dos/das pacientes em relação à busca de diagnósticos (testes genéticos, diagnósticos por imagens) e tratamentos (tecnologias reprodutivas, cuidados paliativos) relação médico/a-paciente e diálogos com outras racionalidades terapêuticas. Igualmente contamos com os aspectos políticos, econômicos e éticos que podem animar esses debates.

Indetectável = Intransmissível na ponta do serviço de saúde? Estudo antropológico do Tratamento como Prevenção (TcP) no Complexo Hospitalar de Doenças Infectocontagiosas Dr. Clementino Fraga em João Pessoa/PB

Autoria: Geissy dos Reis Ferreira de Oliveira (UFPB - Universidade Federal da Paraíba), Mônica Lourdes Franch Gutiérrez Luziana Marques da Fonseca Silva

Situado no campo do HIV e da Aids, desde a Antropologia do Corpo, da Saúde e da Doença, este work etnográfico se debruça sobre o Tratamento como Prevenção (TcP); tecnologia preventiva ao HIV/Aids, que assim como a PEP e a PrEP, se inserem na resposta biomédica global de enfrentamento ao HIV/Aids. O TcP é resultado do reconhecimento, a partir de diversas pesquisas da área biomédica, de que a possibilidade de transmissão do HIV por parte de pessoas HIV+ torna-se ?negligenciável? quando, a partir da adesão ao tratamento medicamentoso, a carga viral é indetectável. Com base nessas pesquisas, na 9ª Conferência da IAS (Sociedade Internacional de Aids em Paris), em julho de 2017, foi tornado público um Consenso em torno do lema ?Indetectável = Intransmissível?, campanha internacional, com fins de contribuir para a normalização da vida das pessoas vivendo com HIV. Participe da Política global de enfrentamento ao HIV/Aids, a TcP é percebida aqui desde o contexto paraibano, com campo de pesquisa no Complexo Hospitalar de Doenças Infectocontagiosas Dr. Clementino Fraga, localizado no bairro de Jaguaribe, em João



Pessoa. Em interlocução com funcionários e profissionais de saúde do referido serviço, integrantes do movimento social de HIV/Aids, gestão estadual de saúde, e pessoas que vivem com HIV/Aids (PVHA), somado à observação participante no hospital, partimos para compreender a forma como o TcP se faz presente ali, no campo do HIV/Aids do estado, e no modo como se aglutina às experiências das PVHA, juntamente às experiências desvinculadas desta tecnologia, mas que dizem respeito à TARV (Terapia Antirretroviral), e ao HIV/Aids propriamente. A partir do que, percebemos que o TcP, nominalmente, não se constitui como uma política de prevenção ao HIV/aids do Complexo Hospitalar Clementino Fraga. O termo intransmissível não percorre o serviço de saúde e as narrativas das PVHA tal qual o termo indetectável, bastante caro e disseminado pelos/as profissionais de saúde, devido à ruptura que o primeiro promove com determinados paradigmas estabelecidos ao longo da história. O que organiza o repasse dessas informações, diz respeito a uma noção de risco, no sentido da gestão cotidiana das informações a partir do que os profissionais pressupõem em termos de proteção e exposição. ?Filtros? são estabelecidos nesse processo, categoria nova, para um semântica bastante conhecida neste campo: a noção de ?grupos de risco?.

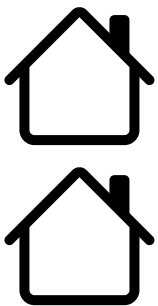
[Trabalho completo](#)



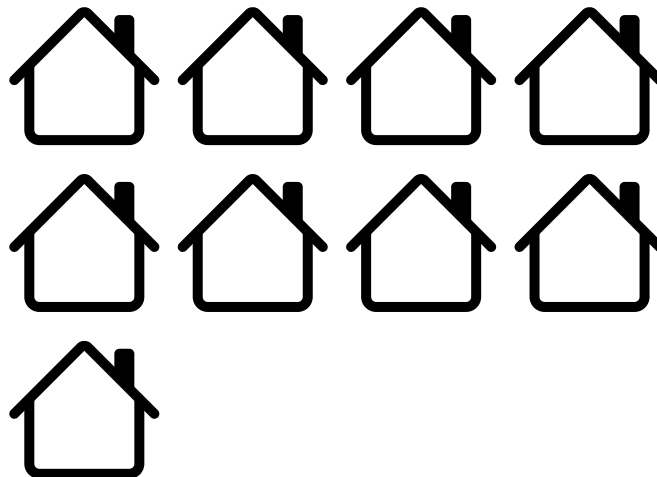
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: